

O PINDORAMA

ORGAM MONARCHISTA E LITERARIO

DIRECTOR
OCTAVIO GOULART

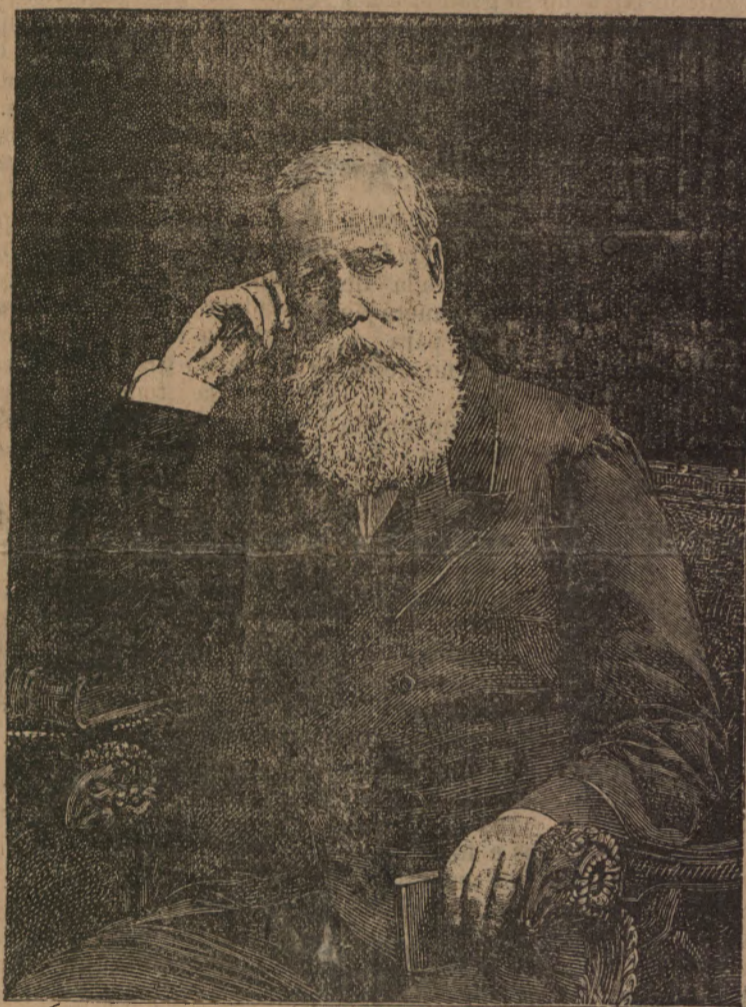
Publicação Bi-mensal

REDACTORES
OCTAVIO MELLO
ARANHA NETO

Anno 1.

S. Paulo, 5 de Dezembro de 1902

Numero 1



*Baden - Baden 10 de Agosto de 1887
Pedro d'Alcântara*

Homenagem a Pedro II.

● Primeiro dos Brasileiros

EXPEDIENTE

REDACÇÃO

RUA S. JOAQUIM N. 26

ASSIGNATURAS

Anno 6\$000

Semestre 4\$000

Toda a correspondência deve ser enviada a redacção.

A redacção não se responsabilisa pelas idéas expendidas pelos collaboradores.

Os Snrs. que receberem o 1.º numero d' "O Pindorama" e não o devolverem a redacção no prazo de 8 dias, serão considerados nossos assignantes.

O PINDORAMA

Eis o nosso jornal.

O *Pindorama*, pequeno pelo formato, apresenta-se altaneiro por que tem em seu programma a elevada alliança de duas verdades — a Monarchia e a Literatura.

Orgam essencialmente monarchista, vem labutar pelo regimen que a forma republicana tenta velar, mas que é inextinguivel na mente e no coração de todo o brasileiro que se préza de ser verdadeiro patriota.

Guerer encobrir a Monarchia pela forma successora, é querer tapar o sól com uma peneira; é querer fazer sombra com uma cortina esburacada.

Não póde a republica, cavada de abysmos, a messalina putrefacta que tantas desgraças tem causado no curto e fatidico periodo de 13 annos, encobrir ou sómente pensar em encobrir a Monarchia, aquelle dogma governamental, a instituição que soube elevar o Brazil a uma altura que a Republica tem feito perigosa minando-lhe as bases, cavando abysmos e mais abysmos.

E' um pugnador pela Monarchia o *Pindorama*, e como o bello atrahe o bello, o elevado ao elevado, irmanamos, confraternisamos em nosso programma — o Ideal Monarchista ao Ideal do Bello, da Literatura.

Eis o *Pindorama*... depomol-o no regaço carinhoso de nossa Patria. Pequeno ainda, ainda vacilante, empregará todos os seus esforços para a exaltação do Ideal Monarchista e do Ideal Literario no berço glorioso de Pedro II, torrão de nossos paes -- no magestoso *Pindorama* --

A Administração

5 de Dezembro

Solemnisa-se hoje a recordação de um acontecimento triste e ao mesmo tempo fertil para a missão que esta modesta folha se impõe.

A 5 de Dezembro de 1891 morria no exilio D. Pedro II, o maior vulto que esta terra brasileira produziu. A patria inteira sentiu profundamente o abalo de uma catastrophe sem nome. E começou no Brazil o riuperio da saudade que vae crescendo sempre e se transformando na legenda santa a cuja luz brilhará na historia o nome do maior dos brasileiros.

A figura do monarcha que symbolisou a nossa grandeza nacional durante largos annos de vida fecunda vai assumindo para nós as proporções de um mytho e no coração da patria assoma cada vez maior e mais nitida, na feição de bondade que a releva e caracteriza.

A' medida que a republica descera escala da honestidade e do brio, a memoria sagrada de D. Pedro II sobe na veneração do povo que se volta para as glorias da monarchia no desejo vehemente de reatal as.

Não pode haver propaganda monarchica maior do que a feita por esse sentimento de saudade que actualmente, se revela na aspiração calma do povo, mas que amanhã pode materializar-se na mais justa das revoluções.

Essa tem sido a unica obra util da republica.

Nascida da sedição, a republica traz em seu seio o vicio que a destruirá — a incompatibilidade com indole do povo brasileiro.

Nós despertamos e fomos educado: sob o regimen monarchico e comprehendiamos-lhe a belleza de mas formas, a magnificencia de suas solennidades, a elasticidade de sua organização intima. Sabiamos que a natureza do regimen dependia de civismo e não tolerava a tyrannia. Sabiamos que a monarchia era uma forma de governo de tal modo organizada que repugnava a desonestidade, o desbrio, a negociata, a insolencia. E tínhamos confiança nella e collaboravamos no governo para bem da patria. A monarchia identificara-se com o Brazil.

A traição, entretanto, apoiada pela espada da soldadesca ambiciosa e ingrata implantou a republica inesperadamente, contra o sentimento do povo. A indole da nação foi despresada e o resultado haveria de ser funesto.

E foi.

Divorciada do povo, ahi continua a republica a sua serie de erros e de crimes. Cada governo que sobe rodeado das esperanças dos poucos que ainda acreditam na possibilidade de uma alliança entre estas duas cousas que se repellem — o regimen republicano e a felicidade da patria

— torna-se logo uma decepção amarga. E' que nos regimens democraticos não ha peias para os instinctos do individuo, não ha razão de ser patriota. Os poucos homêns bem intencionados que se arri-cam a collaborar no governo, a primeira cousa com que tem que luctar é com os vicios insanaveis que são a essencia mesma do regimen.

E, cançados, no desespero de ver que é impossivel pretender uma republica sem alicantina e ladroices, confessam que o que por ahi anda não é republica, ou proclamam a necessidade de restaurar a monarchia. Já é uma banalidade dizer que a republica não tem por si um so homem de merito que coopere constantemente no governo. Todos porqué a engrenagem viciada que lhes ameaça a integridade do character é a republica continua a sua serie de erros e de crimes.

Eis a convicção que se está formando em todo o Brazil, convicção que é o mais forte elemento com que conta a propaganda monarchica, convicção que se avoluma diante dos exemplos do passado e produz essa saudade de toda a nação ao pronunciar o nome do grande monarcha que synthetisa todas as grandezas, todos os triumphos, todas as glorias que foram o apanagio do Brazil monarchico.

Para nos a effigie de D. Pedro II exprime a mais valiosa das propagandas e, com os olhos nella, nós trabalharemos para a grande obra da restauração bem certos de que nunca foi mais claro que nos dias da actualidade o assêrto de que os mortos é que governam os vivos.

A' Mocidade

Mocidade! Eis chegada a hora de batermo-nos! não como heróes guerreiros no campo da batalha, outros tantos heróes de mais mas como patriotas, humildes glorias!

Pela imprensa, esse sol que illumina o Universo, façamos chegar aos corações dos velhos propagandistas, que a mocidade está com elles; que existem no seu sangue, particulas d'aquelle que circulou nas veias de Paranhos, Bonifacio, Marques de Paraná e tantos outros illustres Brasileiros. A Patria, em treze annos de sofrimentos, em treze annos de atroz agonia clama pelo nosso auxilio... E n da fazemos. Unamos agora que mais intenso é o seu soffrer; unamos-nos procurando engrandecel-a com as nossas aspirações, ella que se acha abatida; e quando soar a hora de reabilitação para a Patria extremecida, si ella precisar do nosso sangue, tendo a frente o Symbolo Sagrado, que percorreu triumphante as plagas paraguayas e gravada nos nossos corações a imagem veneranda do Immortal Brasileiro, D. Pedro II, então corramos pressurosos a defender essa bandeira que tanto honrou

ao Brazil, certos de que, ao voltarmos victoriosos, traremos tambem a reivindicacão da honra brasileira, que jaz na lama desde 15 de Novembro de 1889, dia em que um punhado de br zileiros ambiciosos trahiam o nosso querido Imperador.

LUIZ FONSECA

5-12-1902.

Chroniqueta

Com licença dos Snrs. leitores: passo a expor, isto é a escrever ou melhor a rabiscar uma chroniqueta que espero será lida, relida, duas, trez, quatro vezes... etc.

— Que hei de eu escrever? Minha penna não corre sobre o papel, o meu pote de intelligencia está vasio; o candieiro que me allumia já está morço por falta de azeite; as pulgas me sobem pelas pernas; os pernilongos já me zumbem pelos ouvidos...

— Por fallar em pernilongos lembrei-me que o Sr. C. Salles foi ha dias dar um passeio até a Penha, em companhia de um moço de bigodes loiros, o qual moço não tenho a honra de conhecer; mas supponho ser o seu cicerone

— Que iria o Sr. Salles fazer alli? — Iria cumprir ou fazer alguma promessa?

— Que iria cumprir pouco importa; mas o que nos importa é que talvez o Sr. Salles, com meia duzia de vellas de cebo e uma pataca em cobre, fosse lá fazer promessa para ser reeleito nesta Joga...

Se é essa a sua promessa o Sr. Salles, perca a esperanza porque isto será um milagre e destes milagres os santos não costumam fazer, porque elles são justiceiros...

— Ora que penna, não posso continuar a minha chroniqueta.

— Porque? perguntarão os leitores. — E eu lhes responderei: porque acabou o azeite do meu candieiro, e sem azeite o candieiro não funciona isto é não accende e não accendendo não produz luz e não produzindo luz não posso escrever porque não enxergo; estou mergulhado em trevas...

Da mesma forma que eu sem luz não posso escrever; o Brazil sob o regimen republicano nunca poderá progredir; porque elle se acha em trevas mais densas do que o insipido chronista.

TAVICO

BRASIL!...

Em pleno mar; num mar tranquillo e azul...

Qual um cygne enorme, leve e magestoso, talhando uma esteira de espuma e prata, vae singrando o «Alagôas» em busca das plagas de Além, das plagas europeas.

Reina a bordo a viveza das manobras pela maruja infatigavel e agil... E' porém uma viveza physica á qual não se associa a animação moral.

Uma athmosphera de melancolia paira sobre aquellas crestadas frentes que não se elevam para, contemplando além a união das aguas com o firmamento, de cerrarem os labios numa canção de mar, balbuciando saudades, balbuciando amores.

Apenas no extremo do convez, uma joven viuva, pallida e bella, amamentando um loiro pequenino, crava os ollos s uhadores

nas plagas que deixara, e num arrulho apaixonado canta...

Canta num estribillo de maguas, umas estrophes repassadas de pranto, tão tristes que levam a tristeza aos já contristados marinheiros agora em repouso.

Uns levam seus olhares para as brumas infinitas do firmamento; outros, mergulham-nos no azul das vagas; enquanto que o pensamento de todos desce para um camarim do «Alagoas», onde vae aquelle que lhes causa a plena melancholia.

Modesto camarim... Em frente de uma mesa, o vulto augusto de Pedro II queda-se absorto, olhos fixos sobre um punhalo de terra esparsa sobre a madeira. Medita... Leva o pensamento para a terra que deixara, para o seu querido torrão, donde fôra expulso pelo crime de muito o amar!..

E elle na contemplação daquelle pequenissima porção de sua patria, sonhava...

Sonhava naquellas immensas florestas, naquelles magestosos rios, nas cidades que tanto lhe deviam... Sonhava nos seus passados dias em que reinando tivera que chorar ou tivera que sorrir vendo o povo contristado, ou o vendo feliz...

E o vulto do Grande Imperador agitava-se, tremulo; a fronte veneranda após abaixou e depoz um osculo sobre a terra que tinha em frente, enquanto que daquelles olhos tão suaves desilhou febril uma lagrima amargurada, e seus labios se entreabriram do suspiraram: Brasil!

Chorava o «Pae dos Pobres», o Magnanimo Imperador!..

OCTAVIO MELLO
5 dezembro 1902.

D. PEDRO

Nunca será demais render homenagem a um homem que, como Pedro II, tanto se elevou no conceito universal, pelo seu extraordinario talento, notavel cultivo scientifico e grande coração.

Os beneficios prestados pelo se-

A' beira do sepulchro

A sombra de cyprestes sonhadores,
No Campo-Santo, no funereo chão,
Reposa perfumando a solidão,
Fria campa-de gelidos lavores.

E como a dominar a vastidão,
De sua lage eleva-se entre flores,
Abrindo os braços dous, consoladores,
A Cruz de Deus, a Cruz da Redempção.

Ao lado, sobre o solo entristecido,
Um povo grato, um povo meigo vem
Saudades mil e lagrimas depor...

Chora o Brasileiro povo enlutecido
E eu, triste, esparjo lagrimas tambem,
A memoria do Grande Imperador.

OCTAVIO DE MELLO

gundo Imperador do Brasil, ao povo que elle dirigiu com tanta sabedoria, são inestimaveis e immorredoiras na memoria dos brasileiros.

E' raro registrar a historia, inflexivel em seus juizos, um acontecimento como este: haver um homem chegado á velhice, tendo occupado desde a juventude a mais alta posição social, sem haver praticado um só acto fóra da linha rigorosamente traçada pela moral e pela justiça.

E não é só. Sobre ser honesto e justo, foi sabio e grande estadista.

Ao seu influxo salutar, sob a sua sabia direcção, uma colonia transformou-se num grande Imperio, no decurso de tempo relativamente curto para obra de tamanha grandeza.

E' por isso que a geração actual, testemunha do trabalho ingente do segundo Imperador, reconhecendo o seu extraordinario merito, já o denominam—O. Pedro—o Grande.

Tambem nós, que somos uma parcella do povo brasileiro, desse bom povo que sente as mais vivas saudades do seu augusto soberano, e geme sob o guante de ferro da democracia republicana, queremos significar hoje a nossa admiração e respeito pelo excelso monarcha, rendendo á sua saudosissima memoria uma pequena homenagem.

M. A.

5—12—902.

Restauração

Monarchia e republica, eis as duas formas antagonistas. Aquella implantada no torrão brasileiro prosperou, attingindo um elevado ponto de dominação e após annos de uma governamentação verdadeiramente sabia e proficua, espalhando leis sãs, e obedecidas, trabalhando pela elevação da terra onde dominava, cahio; não enfraquecida por desordens, utopias, desmoralisação, dividas e desatinos, não!

A Monarchia cahio pelo golpe traiçoeiro daquelles que lhe juravam fidelidade e que, enquanto

ADORAÇÃO

Ao Abelardo Costa

Tão calado no coração me entrou,
Este amor, este aroma, este desvello,
Que averiguar não poude inda o meu zelo
Nem como, nem por onde penetrou.

Tranquillo é, como o disco enorme e bello
Da lua que a sonhar no céu passou...
A brisa de um cuidado não turbou
Nem onde havia paz trouxe o flagello

Que paixão esta minha!... Que utopia?!..
Pois de amar com a dita se embriaga
E ser correspondido não procura.

Assim se adora a Deus... louca porfia
Fôra exigir, sacrilego, por paga,
Que elle adorasse a misera creatura.

OCTAVIO DE MELLO.

lhe miuavam os benignos alicerces com as mãos perfidas, depunham-lhe na face o osculo da paz! Traidores!

A Monarchia cahio, porque naquelle dia fatal o povo brasileiro até então nobre, até então valente, foi fraco e foi covarde.

Vio a deposição de um monarcha venerando, encanecido no trabalho de fazer do Brasil-colonia, o Brasil-nação, sem um grito de protesto, sem coragem de espellar do peito o brado resolutivo da alma que incontestavelmente se sentia oppressa por tamanha injustiça por tamanha ingratição! Cahio a Monarchia e veio a republica.

Quizeram os pretendidos patriotas salvar o Brasil do abysmo que o ameaçava e falsificaram uia republica. Deram-nos gato por lebre! Em lugar de uma republica que viesse salvar o Brasil, deram-nos os sicarios del 89 esta Messalina de 13 annos que aqui vemos, não ameaçando o Brasil com um abysmo, mas atirando-o, aos solavancos, para o abysmo já cavado pelas actuaes miserias e podridões!

Foi peor a emenda que o soneto.

Precisamos uma restauração. Precisamos de um golpe decisivo que expulse do governo quem nos leva á ruina. Mocidade, mocidade!

Alerta! Tendes na imprensa, monarchista tendes no Pindorama por exemplo o clarim guerreiro que vos chama a póstos.

O Futuro, sois vós. Está em vossas mãos o destino do Brasil! Sustae-lhe a vertiginosa queda...! Livrae-o do abysmo da dominação estrangeira!

ATTILA de ANDRADE

5—12—1902

Collaboração

Convidado a collaborar em uma folha monarchista e destinada a fazer propaganda, julgo não ser fóra de proposito apresentar, em sucinta these, a excellencia do governo monarchico:

O regimen monarchico é o mais perfeito de todos.

Provenmos:

1º. Aquillo que mais se conforma com a natural constituição dos homens

VISÃO

A' «Myosotis»

Quando em a noite pura e silenciosa,
Por meus olhos corre o pranto ardente,
Arrebatada vò a minha mente
Pela sublime esphera luminosa.

Surge com sua face tão formosa,
No espaço immenso, azul e transpa-
(rente);
A minha musa de aza refulgente
E tunica fluctuante e vaporosa.

A divina beldade em os seus giros,
Conduz envolta em manto prateado
Sobre os ares, a luz gracil de Deus.

Chega-se a mim, e bebe meus suspiros,
Dá-me na fronte um osculo sagrado,
Enxuga o pranto meu, e volta aos céus.

Novembro 1902.

OCTAVIO GOULART

por isso mesmo deve-se reputar como melhor: ora o regimen monarchico é tal, logo é o melhor.

Com effeito, os homens antes de toda a convenção foram distribuidos por familias, porem, todos se constituem sob o regimen de um só: portanto é mais conforme á sua natural constituição sujeitarem-se ao regimen monarchico.

E na verdade, sempre e em toda a parte existiram de facto monarchias, desde os primeiros tempos até nós, como attestam os mais antigos monumentos historicos.

Os Gregos e Romanos, tinham estado sob o regimen monarchico antes de adoptarem a forma democratica; depois de experimentada esta, viram-se obrigados a voltar á monarchia.

2º. Um regimen politico é tanto mais perfeito quanto mais prompta e mais perfeita é sua administração; ora é mais prompta, mais facil e mais perfeita, a administração ao menes de ordinario, quando um só manda: porquanto o tempo não se gasta em vão com discussões e dissidencias, como nas assembléas deliberativas sempre acontece.

Não condemnamos, todavia, as assembléas, mas dizemos ser mais perfeito o governo, quando a força de mandar reside só em um homem, que pode utilizar-se dos conselhos dos homens notaveis pela sua experiencia e por sua sciencia.

3º. Aquelle que sósinho rege governa a sociedade a sociedade, governa-a como causa sua, em quanto que muitos administradores a tratam como uma causa commum: mas a experiencia demonstra que os homens gerem e administração com muito maior cuidado sua propria fazenda do que a commum.

4º. Para o bom governo de uma casa, de um navio, e de um exercito deve haver um unico senhor, piloto ou general; logo da mesma forma, na sociedade politica; mais seguramente se matém a paz concordia pelo regimen monarchico, do que por outra qualquer forma de governo.

Fica portanto demonstrada a excellencia da monarchia sobre qualquer outra forma de governo.

Continuaremos.

Monk

Collaboradores

Pennas reconhecidas e afamadas no jornalismo paulistano serão as autoras dos nossos numeros.

No de hoje temos: — o autor de nosso artigo de fundo, 5 de Dezembro, peana elegantemente manejada por um talentoso bacharel paulista: Monk, pseudonymo dum illustrado representante do magisterio estadual;

Elisa de Abreu, a inspirada poetisa e romancista; M. A. um nosso distincto capitalista e correligionario, e outros.

NO CAMPO SANTO

Eis aqui o final de tantas sinas!
Neste Campo onde geme a ventania,
Tão triste como um brado de agonia,
Agitando as frondosas casuarinas!

Morte! Morte! a que horror tu nos
destinas!
A termos por morada — a paz sombria;
Uma cova — por leito, e a lage fria
Por coberta, qual manto de neblinas!

O Phantasma do Campo Mortuario
Que envolve, sem pezar, em teu sudario
A innocencia, a velhice, a mocidade!

Sempre alerta, não paras um instante,
E nem ouves o grito lancinante
Dos corações repletos de Saudade!

ELISA DE ABREU

FÉ DE OFFICIO

Publicamos em nossas columnas o brilhante documento lavrado pelo punho do nosso Magnanimó Imperador D. Pedro de Alcantara.

Creio em Deus.

Fez-me a reflexão sempre conciliar as suas qualidades infinitas: Providencia, Omnisciencia e Misericordia.

Possuo o sentimento religioso; innato no homem, é despertado pela contemplação da natureza.

Sempre tive fé e acreditei nos dogmas.

O que sei, devo-o, sobretudo, á pertinacia.

Reconheço que sou muito sómno no que é relativo aos dotes da imaginação, que posso bem apreciar nos outros.

Muito me preocuparam as leis sociaes; e não sou o mais competente para dizer a parte que de continuo tomei em seu estudo e applicação.

Sobremaneira me interessei pelas questões economicas, estudando com todo o cuidado as pautas das alfandegas, no sentido de proteger industrias naturaes até o periodo de seu prospero desenvolvimento.

Invariavelmente, propendi para a instrucção livre, havendo somente inspecção do Estado quanto á moral e á hygiene, devendo pertencer a parte religiosa ás familias e aos ministros das diversas religiões.

Pensei tambem no estabelecimento de duas universidades, uma no Norte e outra no Sul, com as faculdades e institutos necessarios, e, portanto, apropriadas ás diferentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio de concurso.

Egreja livre, no Estado livre; mas isso quando a instrucção do povo pudesse aproveitar-se de taes instituições.

Estudei com cuidado o que era relativo á moeda corrente e se prendia á questão dos bancos. Quanto á legislação sobre privilegios, oppuz-me aos que se ligam á propriedade literaria, sus tentando assim as opiniões de Alexandre Herculano, antes que elle as tivesse manifestado.

Cautelosa e incessantemente estudei as questões de immigração sobre a base da propriedade e aproveitamento das terras, exploração para o reconhecimento das riquezas naturaes, navegação de rios e diferentes vias de comunicação. Pensava na installação de um observatorio astronomico, moldado nos mais modernos estabelecimentos desse genero. Segundo minhas previsões e estudos, poderia ser superior ao de Nice.

Cogitei sempre em todos os melhoramentos para o exercito e a marinha, afim de que estivessemos preparados para qualquer eventualidade. Embora contrario

ás guerras, buscava assim evital-as.

Preocupavam-me seriamente os estudos de hygiene publica e particular, de modo a nos livrar das epidemias, e isso sem grande vexame para as populações.

Acompanhava-me sempre a idéa de vêr o Brasil, que me é tão caro, o meu Brasil, sem ignorancia, sem falsa religião, sem vicios e sem distancias.

Para mim, o homem devia ser regenerado e não supprimido, e, por isso, muito estudava a penalidade, tomando grande parte no que se fez relativamente a prisões, e pensando em todas as questões modernas que tendiam a seu melhoramento.

Procuroi abolir a pena capital, tendo-se encarregado o visconde de Ouro Preto de apresentar ás Camaras um projecto para a abolição legal da mesma pena.

Pacientemente compulsava todos os processos para a commutação da pena ultima; quando não encontrava base para isso, guardava-os, sendo a incerteza já uma pena gravissima para os réos.

Muito me esforcei pela liberdade das eleições e, como medida provisoria, pugnei pela representação obrigada do terço; preferindo a representação uninominal de circulos bem divididos, pois o systema, ainda por ora impraticavel, deve ser o da maioria de todos os votantes de uma nação.

Conselho de Estado, organisando o mais possivel como o de França, reformando a Constituição, para que pudesse haver direito administrativo contencioso. Provimento de 1º logar da magistratura por concurso perante o tribunal judiciario, para formar lista dos mais habilitados, onde o governo pudesse escolher, e concurso tambem para os logares da administração, categorias, de presidencias para que se propuzessem os que deviam regel-as, conforme a importancia de cada uma. Trabalhei muito para só votar quem soubesse ler e escrever, o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, o melhor; sempre procurei não sacrificar a administração e politica.

Cogitava na construcção de palacios para os ramos legislativo e judiciario e para a administração, para a Bibliotheca, exposições especiaes, para conferencias publicas.

Nunca me descuidei da sorte physica do povo, sobretudo em relação ás habitações salubres, a preço commodo, e á sua alimentação.

Nunca deixei de estudar um só projecto, discutindo com os seus auctores e procurando esclarecer-me.

O meu dia era todo occupado no serviço publico, e jámais deixei de ouvir e falar a quem quer que fosse.

Lia todas as tolhas e jornaes da capital e alguns das provincias, para tudo conhecer por mim, quanto possivel, e mandava fazer e fazia extractos, nos das provin-

cias, dos factos mais importantes que as ligavam á administração, com a idéa constante de justiça a todos. Assistia a todos os actos publicos, para poder vêr e julgar por mim mesmo. E, no extremo, gostei do theatro dramatico e lyricos, cogitando sem cessor da idéa de um theatro nacional.

Nunca me esqueci da Academia de Bellas Artes, pintura, escultura, desenho e gravura, e fiz o que pude pelo Lyceu de Artes e Officios.

Desjava estabelecer maior numero de dioceses, com orme com portasse o territorio, assim como diferentes seminarios.

Sempre me interessei pelas expedições scientificas, desde a do Ceará, que publicou trabalhos interessantes, lembrando-me agora da de Agassiz e de algumas que illustraram nossos patricios no continente europeu. Presidia ultimamente a commissão encarregada do código civil e esperava que em pouco tempo apresentasse este trabalho digno do Brasil.

Pensava na organização de um instituto scientifico e litterario, como o da França, utilizando para isso alguns estabelecimentos de instrucção superior que já possuimos, e para isso encarreguei o dr. Silva Costa e outros para formarem projecto de estatutos.

Sempre procurei animar palestras, sessões, conferencias scientificas, litterarias, interessando-me muito pelo desenvolvimento do Museu nacional. O que ahi fez o dr. Couty tornou este estabelecimento conhecido na Europa; muitos dos trabalhos do museu são hoje citados e applaudidos.

Preocupavam-me as escolas praticas de agricultura e zootecnia. Dei toda a atenção ás vias de comunicação de todas as especies, no Brasil; tinha feito, alem de outros, estudo especial dos trabalhos do celebre engenheiro Hauskshaw, relativos aos melhoramentos da barra do Rio Grande do Sul.

Do mesmo modo tudo quanto se referia a estabelecer a circulação do Brasil por agua, desde o Amazonas até o Prata, e dahi, ao São Francisco, da foz para o interior, ligando-se por estradas de ferro a região dos Andes ás bacias do Prata e Amazonas.

Oxalá pudesse a navegação por balões aerostaticos tudo dispensar e, elevando-se bem alto, assim como a submarina aprofundando-se bastante, nos livrassem ambas das tempestades. São, porém, de vaneios...

Nas preocupações scientificas e no constante estudo é que acho consolo e me preservo das tempestades moraes.

D. PEDRO DE ALCANTARA
Cannes, 22 de Abril de Abril
(Extr.)



O CRIME

Pela manhã.

Atravez do escasso nevoeiro, fluctuando nos ares, brilhava a luz do sol em largas refracções, espargindo avalanches de ouro atomizado pelas vastas campinas, pelas verdes serranias.

As florestas em flôr vacillavam docemente, ebrias de luz e sombra e de mysticos rumores.

Alem, numa collina alvejava uma casinha á espiral da chaminé colubrinas de fumo que se enovellavam ao sabor da brisa pela vastidão dos ares.

Aqui e alem, pelos valles, pelas encostas pasciam manadas de gado vario.

Cada arvoredo era um coreto de aligeros cantores.

Emfim — todo o sublime de uma manhã formosa, cheia de vida, cheia de encantos.

Gosando da sombra amena d'um frondoso *franboyant*, um par de ternos enamorados casava, cicio de seus beijos com o ciciar da brisa.

Que aspecto interessante o do meigo par! Ambos de branco vestidos alvejavam no meio das esmeraldas do arvoredo.

Quantas cousas ideaes, quantas promessas fagueiras, por entre o trescular dos beijos, ouviram as borboletas que por alli revoavam quaes variadas flores dos canles libertadas!

O tregato que por alli passava, todo em cimes de tão bello idyllio, se ia murmuroso por entre os relvados rociantes.

E tudo era amor e beijos e risos para os dous amantes que, de entretidos não viram de uma mouta proxima a folhagem se dividir e de um homem de meia idade o rosto afogueado e dous olhos perscrutadores, lentamente apparecer.

O sentimento de perversidade e a cobiça talvez, ao ver o terno casal, fez despontar dos labios do individuo um sorriso de satisfação.

E o miseravel dous passos recuou e uma espingarda levando á cara, friamente, tomou por mira os dous amantes, e disparou.

A floresta convulsivamente estremeceu, bandos de assustados passaritos aos ares se elevaram e dispersado o fumo da explosão fatal, as fiôres, em pranto, viram todo ensanguentado e morto, o gentil casal.

O crime barbaro, cruel!
E o assassino impudente e cynico para a casa se foi conduzindo suas victimas.

E a justiça, a cega justiça nada viu, de nada teve conhecimento e nem soube que, horas depois, bem preparadas e com succulento molho as duas victimas — o doce casal dos meigos pombos fartavam o estomago do implacavel caçador.

OCTAVIO DE MELLO



Um cidadão dirige-se a casa de um amigo e pede lhe o favor de ligar o seu telephone para certa Secretaria de Estado, com cuja chefe desejava fallar.

Obtida a ligação diz o amigo: — Olha, F. o secretario está no aparelho, falla.

Homem, falla tu mesmo; tomei agora um calice de aguardente e não quero que s. ex. sinta me o halito.

Só os homens sabem avaliar a belleza das mulheres, do mesmo modo que sómente as mulheres podem dizer a formosura dos homens.